



Lima Barreto e a literatura como missão Lima Barreto and literature as a mission

Dossiê: intérpretes do
Brasil

Paulo Alberto da Silva Sales*

ORCID: 0000-0001-9980-2561

E-mail:
paulo.alberto@ifgoiano.edu.br

Recebido: 31/12/2024
Aprovado: 05/04/2025

Resumo:

O compromisso social assumido por Lima Barreto em sua literatura com seus irmãos ex-escravizados no período pós-abolição. A sua veia ácida e ambígua ao retratar a Primeira República. A inscrição de si por meio de seus escritos ficcionais e críticos. O compromisso de Lima em pensar uma literatura afetiva e solidária com seus semelhantes. Seu lugar de arauto, ainda no início do século XX, ao se posicionar contra o determinismo científico importado da Europa, contra o racismo social e contra ao que viria a se tornar diante, nas práticas silenciosas, no pacto velado pela branquitude.

Palavras-chave:

Lima Barreto. Primeira República. Racismo. Missão.

Abstract:

The social commitment assumed by Lima Barreto in his literature with his formerly enslaved brothers in the post-abolition period. His acidic and ambiguous vein when portraying the first republic. The inscription of himself through his fictional and critical writings. His commitment to thinking about literature that is affectionate and supportive of his similar. His place as a herald, still at the beginning of the 20th century, by taking a stand against scientific determinism imported from Europe, social racism and what would become later, in silent practices, in the pact veiled by whiteness.

Keywords:

Lima Barreto. First Republic. Racism. Mission.

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.

Lima Barreto

A epígrafe por meio da qual iniciamos nosso ensaio sobre a missão social do escritor Lima Barreto foi retirada do texto “O destino da literatura”. Ela integra uma composição que, primeiramente, Lima escreveu no intuito de fazer uma palestra que deveria ter sido proferida na cidade de São José do Rio Preto, em 1921. Entretanto, ela

*Professor de Literaturas de Língua Portuguesa no Instituto Federal Goiano Campus Hidrolândia e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, na área de Estudos Literários, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás.

nunca foi realizada. Esse mesmo discurso foi publicado na *Revista Sousa Cruz*, do Rio de Janeiro, entre outubro e novembro daquele mesmo ano¹. Interessa-nos, desde já, destacar por meio desse texto o compromisso social que Lima sempre teve em todos seus escritos, sejam ficcionais ou não. É consenso entre as suas maiores estudiosas no Brasil – Beatriz Rezende e Lilia Schwarcz – que o ato de escrever, para aquele autor afrodescendente, era o de apresentar-se socialmente, uma vez que a experiência pessoal do artista não se separa de sua produção literária. Em Lima, “a literatura ganha um caráter evidentemente biográfico e, de modo declarado, o escritor não se desloca da ficção; na verdade, a invade com todas as contradições próprias desse tipo de empreendimento criativo” (Schwarcz, 2010, p. 16). Nesse texto crítico que foi escrito para ser lido em um auditório, Lima revela seu pavor em ter que proferir uma palestra em público. Ele faz digressões iniciais a esse respeito. Mas rapidamente retoma o mote de sua fala que se pauta em como a Literatura pode contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação ou de toda a humanidade. Seu raciocínio é estruturado a partir de citações de trechos de seus autores e personagens prediletos. São eles Tolstói e Dostoiévski, principalmente o personagem Raskólnikov, protagonista de *Crime e castigo*. Destaca, das obras desses escritores, a tônica social que elas contêm, uma vez que, a seu ver, o fenômeno artístico é um fenômeno social. A literatura assume, então, para Lima, uma missão social. Em toda sua obra ficcional, o autor de *Recordações de Isaías Caminha* apresenta uma preocupação ética, isto é, uma vontade de estar junto de seus semelhantes e, junto deles, assume o lugar de fala – um termo bastante usado na contemporaneidade por pensadoras afrodescendentes, tais como Djamila Ribeiro² (2019) – do preto, do mestiço ou como se dizia na época, do “mulato”. Para Lima, a escrita literária deve pautar na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do destino em face do infinito e do mistério que nos cerca, bem como aluda às questões de nossa conduta na vida. Sob esse viés, a arte literária deve apresentar um verdadeiro poder de contágio. Deve unir, promover uma força de ligação entre os homens para que possa, talvez, haver uma harmonia entre eles. Em síntese, ao nos fazer penetrar nos “segredos” e nas “cousas” de nossas vidas, Lima defende que

a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e, por aí nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. [...] Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles. E o destino da literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina (Barreto, 1921 apud Rezende, 2017, p. 280).

¹ Essa conferência, bem como outros textos críticos de Lima, foram organizados e publicados por Beatriz Rezende (2017) no livro *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Nessa obra, Rezende traz outra faceta de Lima pouco estudada quando comparada à ficção e à contística do autor de *Clara dos Anjos*.

² Referimo-nos à obra *Pequeno manual antirracista*.

Ao assumir para si a literatura como uma missão, um propósito de vida, ficção e realidade se embaralharam em seus escritos. Ele passou a vivenciar as experiências de suas criações e adotou, no seu dia a dia, vários outros nomes que apareceriam em suas sátiras e em suas subversões. Em suas sátiras, por exemplo, há a tentativa de transformar a ordem social, ou pelo menos de reverter ou contradizer a ordem vigente. Seu ideal era o de contagiar seus leitores através de grafias do eu dissonantes em relação ao que propagava a *belle époque*. Nesses textos subversivos, Lima se apresentava sob diversas máscaras e/ou pseudônimos. Os mais recorrentes eram J. Caminha (ou I. Caminha), Aquele, Leitor, Xim, J. Hurê, Inácio Costa, Ingênuo, Jonathan, Horácio Acácio, Tradittore, Naquet e Lucas Berredo.³

O teor satírico, e também caricaturesco em muitas de suas obras, se manifesta em seus escritos como uma forma de abalar, ou pelo menos, de demonstrar sua insatisfação com a política republicana. Muito de sua veia ácida e satírica está relacionada ao fato de o Brasil ter sido o último país do Ocidente a findar a prática da escravidão mercantil⁴. Esse mal-estar perpassa de forma recorrente diferentes composições de escritor, uma vez que sua família – já que ele é filho de pais negros e netos de avós que foram escravizados – apresenta chagas do sistema escravista. Lima enfrentou os resquícios deixados pelo escravismo, já que teve que se inserir nos interstícios da vida concorrida da capital pouco afetuosa às “pessoas de cor”, como se dizia na época.

Endossa essa questão Christopher Hager (2013, p. 4), estudioso norte-americano que tem se ocupado mais detidamente sobre as narrativas de migração afro-americanas, ao destacar em seu livro *Word by Word: emancipation and the act of writing* que, para um “homem de cor” bem como para outros milhares de escravizados alfabetizados e libertos, o fato de terem aprendido a ler e a escrever representou uma das maiores conquistas de suas vidas. Escrever, bem como projetar-se no papel, simbolizava a liberdade desses indivíduos. Isto posto, Lima, sem sombra de dúvidas, soube muito bem projetar-se e questionar a tudo e a todos.

Em seu primeiro romance, iniciado em 1907 e publicado em livro em 1909, o escritor narra justamente essa saída do jovem negro, do porto seguro de sua família e ainda sem sofrer racismo, para adentrar na “civilização” de fachadas, de indumentárias e de “títulos”. Nas idas e vindas do Rio, tal como Lima o fazia, Isaías narra uma cena comovente, na qual ele fora vítima de racismo. Ao descer do trem, o jovem de dezessete anos foi se alimentar em uma das vendas. Eis o fato traumático narrado pelo protagonista-personagem-(Lima):

Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh!”, fez o caixeiro

³ A respeito das sátiras e de outras subversões de Lima Barreto, ver a introdução que Felipe Botelho Corrêa (2016) faz desses textos publicados em diversas revistas e jornais.

⁴ Cf. *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018), de Lília Moritz Schwarcz e Flávio Gomes.

indignado e em tom desabrido. “Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?” Ao mesmo tempo, ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante alguns segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... Os meus dezessete anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada (Barreto, 2010, p. 80).

O embate com a realidade discriminatória choca e marca profundamente o jovem mestiço. Muito provavelmente Lima tenha vivenciado essa mesma situação que ficcionalizara. Os dilemas de Isaías são os mesmos de Lima, que tentou, por diversas vezes, inserir na sociedade racista carioca. Logo, Lima é um incontornável intérprete do Brasil de fins do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, cujas mazelas sociais – sobretudo relacionadas ao racismo social – se manifestam de diferentes formas e tem sido estudadas sob novos ângulos, tais como a perspectiva do chamado “pacto da branquitude”⁵, discutido pela pensadora Cida Bento (2022). Seja nos contos, nos seus romances, em suas crônicas ou mesmo em seus textos críticos publicados em jornais, Lima esteve sempre atento às questões latentes de seu tempo, sobretudo no que diz respeito às chagas da escravidão e às práticas racistas institucionalizadas pela “República que não foi” (Carvalho, 2019).

Ao examinarmos seus textos publicados há mais de um século constatamos o quão contemporâneo de nós Lima é. Em sua época, o escritor já questionava as ideologias pseudocientíficas racistas importadas da Europa e implementadas na República dos jovens centros de “homens de *sciencia*”, cujas abordagens colocavam em xeque as capacidades cognitivas e as habilidades gerais dos negros e mestiços. Nos estudos de Sérgio Alfredo Guimarães (2004), mais especificamente no texto “Preconceito de cor e racismo no Brasil”, o sociólogo entende que o racismo moderno inicia-se em solo brasileiro na década de 1870 nas escolas de direito, de Recife e São Paulo, e nas escolas de medicina, da Bahia e do Rio de Janeiro. Em sua visão, essa perspectiva do racismo significa relacioná-lo à modernidade, tendo em vista que ele está ligado ao aparecimento da ciência biologia e do pensamento político-filosófico neoliberal. Na ascensão da República militarista, “o racismo surge, portanto, na cena política brasileira, como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados” (Guimarães, 2004, p. 3).

⁵ Segundo Cida Bento (2022, p. 62), a branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que não são nomeadas e não marcadas, ou seja, há um silêncio em ocultação em torno dessas práticas culturais. É um ponto de vista, um lugar a partir do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, os outros e à sociedade.

Para examinarmos a questão racial no Brasil na época de Lima Barreto e como ela está enraizada em nosso tempo presente de outras formas, devemos voltar e analisar as práticas políticas adotadas ainda nos dois primeiros anos dos noventa. A justificativa apresentada, à época, pelos primeiros presidentes como sendo o caminho para o crescimento e para o desenvolvimento da nação se pautava na ideia de que o progresso viria por meio do processo de embranquecimento da população. A esse respeito, Lilia Schwarcz (1992), em *O espetáculo das raças*, afirma que o Brasil, em finais do século XIX, era apontado como um caso único e singular de extrema miscigenação racial. Entre as décadas de 1870 a 1930, a ideologia predominante era a de que a mestiçagem condenava o país ao fracasso. Nas palavras do polímata Silvio Romero (1949), formamos um país de mestiços, se não presente no sangue de todos, ao menos, na alma. Nesse “festival de cores” típico de uma “sociedade de raças cruzadas”, surgiram jovens centros brasileiros de saber científico que solidificaram o racismo entre nós. Foi instituído, naquele período, segundo Schwarcz, um modelo racial de análise respaldado por uma percepção bastante consensual entre os membros da elite e os cientistas da época. Trata-se do processo de branqueamento da população por meio do cruzamento das raças, ideia, essa, fortemente vinculada à consolidação e ao crescimento da, até então, jovem nação Republicana. A imagem propagada nesse período a respeito do mestiço – tido como “impuro” e “vira-lata” (Lacerda, 1911) – explica, por exemplo, o incentivo, por parte do governo republicano, à campanha de imigração de alemães, de italianos, de portugueses e de outros povos europeus para virem morar no Brasil e, por meio do cruzamento de raças – no sentido biológico da “evolução das espécies” e da “seleção natural” – embranquecerem o Brasil.

Ao se deter a esse mesmo contexto cientificista-racista de fins do século XIX, o historiador Ricardo Salles (2013, p. 25) também destaca que Sílvio Romero e até mesmo o escritor Euclides da Cunha acabaram por se renderem às teorias deterministas que consentiam com a inferioridade racial do povo mulato e mestiço em comparação com os brancos. Logo, faz-se necessário trazermos a discussão sobre formação racial e sobre o protagonismo de Lima Barreto nesse contexto ao trazer, por meio de sua obra, a afirmação da negritude. Nesse sentido, ressaltarmos que o conceito de formação racial, surgido em torno dos debates da década de 1930, segundo Guimarães (2001), começou a ser pensado em território brasileiro ainda no período monárquico. A Abolição da escravatura marcou o início do surgimento do que, mais tardiamente, poderíamos relacionar, em termos culturais e sociais, como a identidade política negra no país.

Ao refletirmos sobre os textos de Lima Barreto, vemos o quanto suas grafias⁶ são incontornáveis quando tratamos de questões ligadas à identidade racial negra, mesmo que ele ainda tenha publicado sua obra – com todas as dificuldades que possuía devido a

⁶ Em suas obras, há uma intensa ficcionalização de si por meio de textos que colocam em evidência o lugar de fala afrodescendente.

sua precária condição financeira – em uma época determinista-racista. Constatamos que as querelas presentes na vida sofrida do autor – que também foi vítima do alcoolismo, foi internado e dado como louco por duas vezes – se circunscrevem em alguns de seus personagens. Vida e literatura se amalgamam em Lima sob seu viés crítico e combativo. Seus romances, contos e crônicas inscrevem o corpo biográfico do escritor na tessitura fictícia. Para Lilia Schwarcz (2017), no estudo crítico-biográfico *Lima Barreto: triste visionário*, vida-obra de Lima está diretamente ligada às questões sociais, políticas e ideológicas do período da Primeira República. Ele se tornou uma “testemunha” dos fatos sociais e políticos aos quais sua grafia ácida e corrosiva não se poupava a criticar. Lima foi uma “daquelas testemunhas que suportam a solidão de uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, assumem a responsabilidade de estar num lugar, no seu caso, muitas vezes repleto de solidão” (Schwarcz, 2017, p. 17).

Diferente de outros de seus contemporâneos, Lima sempre se impôs por meio de suas escritas de si⁷ que mesclavam vida e ficção. Isso porque “Lima Barreto ficcionalizava sua própria vida, independente do gênero da obra” (Schwarcz, 2019, p. 139). Seus escritos revelam as denúncias e as angústias que ele sentiu. Dentre as principais aflições, está, como temos observado, a questão racial. O escritor sempre se inscreveu em suas produções e, muitas das vezes, vivia a ficção como se ela fosse a própria realidade. Prova disso são os vários pseudônimos que ele criou para si quando começara a publicar nos jornais e em revistas desde o início de sua carreira. Dentre essas revistas, destacamos a *Fon-Fon*, lançada em 1907, na qual Lima colaboraria com textos nesse periódico desde o seu primeiro número. Na *Fon-Fon* – revista cujo o símbolo é a imagem de um automóvel no qual a buzina faz sons que anunciam a modernidade por meio da sátira visual e escrita – Lima encontrara terreno propício para expressar sua insatisfação e inconformismo em relação ao determinismo racista estrutural do governo dos generais.

Assim, torna-se praticamente impossível não associar os diversos escritos de Lima com seu período histórico. Há um elo entre as inscrições de si com as duas décadas iniciais da “República Velha”, ou como prefere Schwarcz (2012, p. 32), da “Primeira República”.

As fragilidades republicanas sob o termômetro de Lima Barreto

Lilia Schwarcz (2012, p. 19), no livro *A abertura para o mundo (1889-1930)*, se debruça sobre o cenário histórico e social inserido logo após a queda da monarquia no Brasil. Implementado o golpe de Marechal Deodoro e de seus aliados, criou-se uma

⁷ Cf. “Lima Barreto e a escrita de si”, de Lilia Schwarcz (2019), publicado em *Estudos Avançados* (USP).

atmosfera propícia a todo tipo de utopia e projeção. A República fez promessas de igualdade e cidadania a partir de um sentido bastante generalizado de que era possível a nação “erguer-se da escravidão”, “sair do gueto”, libertar-se do isolamento e, sobretudo, seguir na promessa de inclusão social da numerosa parcela de indivíduos que foram libertos pela Lei Áurea. Para Schwarcz, essa parecia ser, mesmo que tardiamente, uma nova era. Abolidas as formas de trabalho escravo e mandatário e abertas (por meio da educação), havia o afã da população às possibilidades de acesso à cidadania e às novas formas de inclusão.

Contudo, como bem aponta José Murilo de Carvalho (2019, p. 11), a frágil República, que foi resultante de um motim de soldados com apoio de grupos políticos da capital federal, acabou por rechaçar os processos de integração social. Os ex-cativos libertos assistiam a tudo de forma “bestializada”. Essa metáfora, a do povo bestializado, foi utilizada, segundo Carvalho, pelo propagandista republicano Aristides Lobo, que manifestou seu descontentamento na maneira com a qual proclamou-se o novo regime. A população assistia as mudanças relacionadas à forma de Governo sem ao menos entender o que estava acontecendo. Muitos julgavam o que viam ser uma “parada militar”, isto é, um desfile ou uma fanfarrinha. O que deveria ser, em tese, uma *res* (coisa) pública, a recém criada República deu-se por meio da ascensão dos militares. O Império enfrentava, desde 1871, com a promulgação da Lei do Ventre Livre, seu desmantelamento. Com a Abolição, não houve um projeto de inserção dos negros e mestiços na sociedade. As alterações quantitativas foram incalculáveis, sobretudo de natureza demográfica. A lei promulgada em 13 de Maio de 1888 apenas libertou os cativos. Isabel não teve outra alternativa a não ser assinar a Lei Áurea devido a pressão vinda de panfletos⁸, de movimentos abolicionistas que surgiram em diversas regiões e pela pressão do Congresso, sobretudo na figura de Joaquim Nabuco e de outros expoentes, tais como André Rebouças, José do Patrocínio e Luís Gama. Entretanto, essa promulgação

“[...] lançou o restante da mão de obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregados e desempregados. Além disso, provocou um êxodo para a cidade proveniente da região cafeeira do estado do Rio e um aumento na imigração estrangeira, especialmente de portugueses (Carvalho, 2019, p. 16)

Devido a esse dismantelo, esses sujeitos ex-escravizados foram se alojar em cortiços, em lugares periféricos e de escassa infraestrutura urbano-sanitária. Como se sabe, houve a marginalização de grande parte dessa comunidade. Muitos, como meio de sobrevivência, trabalhavam em serviços informais considerados de “segunda categoria” (serventes, empregadas, ajudantes, catadores, mascates, etc). Além disso, nessa mesma época dos primeiros anos pós-abolição, houve a entrada no Brasil de racismos e de

⁸ Cf. *Panfletos abolicionistas* (2024), organizado por Angela Alonso, que retoma, lado a lado, *Reformas nacionais: o abolicionismo*, de Joaquim Nabuco, e *Manifesto da Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro*, de André Rebouças e José do Patrocínio, ambos os panfletos publicados em 1882.

de teorias raciais de toda ordem que impuseram e alargaram novas formas de exclusão. Segundo Schwarcz (2012, p. 21), “o novo racismo científico, que acionava uma pletora de sinais físicos para definir a inferioridade e a falta de civilização, assim como estabelecer uma ligação obrigatória entre aspectos ‘externos’ e ‘internos’ dos homens”. Instituiu-se, doravante, o que a antropologia denomina como marcadores sociais de diferença racionais e objetivos (biológicos): “narizes, bocas, orelhas, cor de pele, tatuagens, expressões faciais e uma série de ‘indícios’ foram rapidamente transformados em ‘estigmas’ definidores da criminalidade e, como ocorreu com Lima Barreto, estereótipos que configurassem a sua suposta patologia mental.

Em seu tempo, Lima já apresentava admirável discernimento a respeito do que os alienistas da época taxavam como “loucura”. Ressaltemos, também, que a grande maioria dos pacientes recolhidos e levados para o sanatório, pelos tais “doutores”, eram negros e mestiços. Sobre a sanidade mental e a capacidade de examinar criticamente a realidade circundante, percebemos o quanto o autor carioca era perspicaz e nada tinha de “anormal”. A respeito de suas anotações nas quais evidenciamos um processo de autoanálise, em 4 de janeiro de 1920 Lima escreve:

Estou no Hospício, ou melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no Pavilhão de Observação, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia.

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça de vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate de capim com um manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria.

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia em minha vida. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades da minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.

(Barreto, 2017, p. 34)

Essas anotações no diário relevam as humilhações diárias pelas quais o escritor passou devido ao fato de ter sido levado ao hospício em decorrência do uso excessivo de bebidas alcóolicas. Como o próprio Lima nos revela, a bebida era uma válvula de escape para ele que, além de sofrer com o preconceito de cor da época, ainda enfrentava os dilemas diários de uma pessoa com poucos recursos financeiros, tais como se alimentar, pagar aluguel, se locomover, etc. Essa escassez de dinheiro se acentuava quando Lima iria publicar seus livros, o que o fez recorrer aos seus amigos de confiança⁹. Além da questão pecuniária, destacamos no trecho do *Diário do hospício* a percepção aguda de Lima a respeito do sentimento de humanidade. Sua compreensão sobressaia à pseudomedicina racista da época, que tratava dos supostos loucos mediante aos seus

⁹ Lima tinha o costume de dedicar seus livros a seus amigos mais íntimos. *O triste fim de Policarpo Quaresma*, por exemplo, ele dedicou a João Luís Ferreira, engenheiro Civil, que estudou com Lima na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Lima estava cercados de amigos fiéis que o ajudaram a arcar com as despesas de suas publicações.

fenótipos e, na maioria das vezes, julgava que a mestiçagem e a negritude seriam mais propensas aos transtornos psicossomáticos. Ainda no que se refere à mestiçagem julgada pelo viés determinista-racista, Lima, em seus romances, renega essa ideologia.

No que diz respeito à mestiçagem, em uma passagem instigante no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* no qual o major Quaresma, ao analisar as feições do bacurau Mané Candeeiro – uma personagem matuta que o ajudara a roçar seu sítio –, acaba por valorizar seus traços físicos, o que destoa radicalmente do pensamento corrente da época: “Ele [Mané Candeeiro] era claro e tinha umas feições regulares, cesarianas, duras e fortes, um tanto amolecidas pelo sangue africano. *Quaresma procurou descobrir nele aquela odiosa catadura que Darwin achou nos mestiços, mas, sinceramente, não a encontrou*” (Barreto, 2011, p. 235, grifos nossos). Em um outro momento da narrativa de Policarpo, o narrador heterodiegético, ao descrever uma mulher que fora solicitar favores ao general Floriano, também reconhece a riqueza na mistura de raças que se percebe na multiplicidade de cores existentes no Brasil, o que iria a contrapelo dos modelos raciais da época: “Não se podia dizer bem qual a sua cor, sua raça, ao menos: andava tantas nela que uma escondia a outra, furtando toda ela a uma classificação honesta” (Barreto, 2011, p. 270).

Com a sua sagacidade, Lima, já na virada do século, registrava em seu diário que “a capacidade mental dos negros é discutida *a priori* e dos brancos, *a posteriori*” (Barreto, 2001, p. 1233). No início de sua carreira, mais especificamente em 1904, o autor de *O cemitério dos vivos* registra, em seu *Diário íntimo*, o seu desejo em escrever um romance por meio do qual pudesse detalhar a vida e os trabalhos de seus irmãos negros em uma fazenda. Nessa empreitada, Lima daria ênfase à questão psicológica das personagens afrodescendentes. Em seus vários trabalhos – contos, crônicas e romances –, o escritor circunscreve, por meio de suas vivências, os estigmas pós-escravidão que também seriam experimentados pelos seus protagonistas. Concordamos, então, que há uma simbiose entre os sofrimentos vividos pelo autor e a sua corporificação ficcional. Em Lima, a nosso ver, não há como lermos suas grafias de vida sem que nelas relacionemos a introyecção do corpo pulsante do autor.

Essa corporeidade é expressa, sobretudo, por meio da dor e dos estigmas que ele traz de toda uma geração de afrodescendentes que sofreu no Brasil por séculos. Por ser um astuto observador dos fatos sociais e por estar sempre em constante processo de deslocamento – por meio de andanças pelos subúrbios e pelas ruas do centro do Rio – Lima vivenciou diferentes facetas do racismo. Por isso,

Lima acusava a sua grande dor e também aquela coletiva, da população negra de forma geral, que depois do sonho da liberdade e da igualdade, percebia que a monarquia, com seu projeto de Abolição breve, mas também a república, não entregavam a inclusão social que prometeram. (Schwarcz, 2019, p. 142).

Constatamos, então, que Lima já se projetou ficcionalmente desde seu primeiro

livro. A partir desses pressupostos, ao depararmos com a volumosa obra de Lima, quer seja em sua cronística, seus romances, em seus contos e diversos textos satíricos, podemos pensá-los por meio dessa reconsideração da grafia de vida do autor afrodescendente no bojo da discussão crítico-teórica. Lembremos, mais uma vez, de seu famoso personagem Isaías Caminha. Ele representa a oscilação entre desejo e angústia do rapazote que quer ascender socialmente mas o preconceito racial o repele. Trata-se de um dos diversos momentos nos quais a personagem-protagonista se circunscreve por meio dos vestígios corpóreos de Lima Barreto. As ambiguidades, típicas da escrita barretiana, aparecem inscritas nos dilemas enfrentados pelo jovem negro, de origem humilde, que está em constante movimentação em busca de emprego. Isaías se vê desamparado na esfera competitiva citadina e se sente desprezado por ser pobre e negro. Assim como o próprio autor apresenta ter comportamentos ambivalentes, a personagem Isaías se divide em dois “eus”: o eu do desejo e o eu do cotidiano. O que lemos é, então, é o misto de um “sujeito que ora se desloca para o polo da integração, precária embora, na classe média carioca, igualmente branca, ora retrocede para o isolamento do subúrbio sob a força do preconceito e da discriminação de classe” (Bosi, 2010, p. 16). Mesmo nessa dupla via existencial, a dicção presente tanto na vida de Isaías quanto na vida do próprio Lima Barreto marca o processo de inclusão simbólica desses sujeitos descendentes de africanos à sociedade ocidental, naquilo que, só tempos depois, viria a se tornar a modernidade negra.

Em relação à modernidade negra, Sérgio Guimarães (2021) ressalta, ainda, que, até os anos 1920, havia de forma predominante a representação discursiva de negros por meio de grafias brancas. Ainda que no mundo político se destacassem no contexto Abolicionista figuras assumidamente afro-brasileiras como José do Patrocínio e André Rebouças, no panteão das Letras, ocasionalmente seria “integrado um negro talentoso, como Cruz e Souza (1861-1898) ou um mestiço como Machado de Assis” (Guimarães, 2021, p. 74). A respeito de Machado de Assis, Lima Barreto, apesar de reconhecer a grandeza do mestre em examinar a alma humana e por ser o grande nome da literatura brasileira, Lima não se abstém em criticá-lo pelo seu aparente silenciamento frente às questões urgentes do seu tempo, sobretudo no que diz respeito às mazelas deixadas pela escravidão. Embora Machado tratasse, a sua maneira, de questões escravocratas em contos¹⁰, crônicas¹¹ e em alguns romances¹², sua produção ficcional não evidenciou essa crítica em um primeiro plano nos textos, ou, pelo menos, a escravidão não fora abordada da forma que Lima esperasse que Machado, também um autor mestiço – reconstituído biograficamente como mulato por Lúcia Miguel Pereira (1988), no livro *Machado de*

¹⁰ No que se refere ao às chagas do escravismo, ver os contos “Mariana” (1871), “O espelho” (1881), “O caso da vara” (1899) e “Pai contra mãe” (1906).

¹¹ Há várias crônicas de Machado que tocam, de forma tangencial, na escravidão. Cf John Gledson (2013) e a seleção de crônicas “Bons Dias!”, “A semana”, dentre outras.

¹² *Helena e Iaiá Garcia* trazem elementos do paternalismo e da escravidão.

Assis: estudo crítico e biográfico – abordasse. Lima, ou “J. Isaías”, por outro lado, o vê como um autor elegante e pouco afeito às mazelas sociais. Machado, no entendimento de Lima, era um autor das salas de estar, do chás das tardes, das moçoilas e dos rapazotes da burguesa. Para ilustrar essa questão, citamos um trecho do texto “Uma fatia acadêmica”, publicado no jornal *ABC*, em 02 de agosto de 1919, no qual Lima expõe sua percepção sobre o que seria a arte e, mais especificamente, sobre a literatura. Destacamos a estreita relação que o autor estabelece com o meio, com a raça e com o momento histórico, político e social:

A arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do momento – todas essas condições concorrendo concomitantemente. [...] A arte, por ser particular e destinar-se a pintar as ações de fora sobre a alma e vice-versa, não pode desprezar o meio, nas suas mínimas particularidades, quando delas precisar. Tendo que pintar o desgosto de um leproso, como a sua vida evolui, eu não posso me ater abstratamente ao sentimento “desgosto”. É meu dever primeiramente dizer que ele é leproso, que é rico, que é burro ou inteligente; e, depois, descrever a sua ambivalência, tanto de homens, de coisas mortas, de coisas vivas, para narrar, romancear o desgosto do mesmo leproso (Barreto, 1919 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 181)

Nessa mesma publicação, Lima se refere à figura de Machado como um autor alienado ao racismo e à urgência de uma escrita militante, tal como a sua. Mais adiante, J. Isaías/Lima fala da postura de Machado e, ao fim, por meio de uma ironia, prefere deixar o “morto como está”:

Machado era um homem de sala, amoroso das coisas delicadas, sem uma grande, larga e ativa visão da humanidade e da Arte. Ele gostava das coisas decentes e bem-postas, da conversa com da menina prendada, da garridice das moças. Quem inventou esse negócio de humoristas ingleses para ele foi o grande José Veríssimo, que admirava com toda a razão Machado de Assis: mas eu sei bem porque ele inventou essa história... [...] Para toda a gente é melhor glorificar em bruto do que admirar com critério. Sigo o partido de toda a gente e paz aos mortos (Barreto, 1919 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 183-184).

A crítica ferina de Lima não se ateve somente a Machado de Assis. Na verdade, ele se opunha à ideologia burguesa da “República das Letras”, que era majoritariamente formada por homens brancos e pouco interessados nas questões sociais urgentes do Brasil pós-abolição. Paradoxalmente, como é um traço típico de Lima, ele tentara por 3 vezes adentrar à ABL e não obteve êxito. Entretanto, sua pena satírica e subversiva a respeito das candidaturas de sujeitos “ilustres” e das sessões no “*Le Petit Trianon*” faz troça dos ritos e das condutas dos acadêmicos. Por fim, no que tange a essa ausência de negros e indígenas à época de Lima na ABL e mesmo no cânone da época, reconhecemos que poucos autores de seu tempo foram lidos como representantes de literatura de viés afrodescendente.

Em suma, ao voltarmos aos textos ficcionais e críticos de Lima, mais de cem anos após suas publicações, percebemos a sua visão aguda a frente de seu tempo que, não obstante, é bastante atual. De fato, ele foi e é um intérprete incontornável de fins do XIX, das duas primeiras décadas do XX e, também, do século XXI, por apontar questões que

Referências

- BARRETO, Lima. *Diário do hospício/ O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, Lima. Diário íntimo. In: VASCONCELLOS, E. (Org.). *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 1233.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- BARRETO, Lima. *Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- BARRETO, Lima. Uma fatia acadêmica (1919). In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019, p. 175-184.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício/ O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GATO, Matheus; RIOS, Flavia. Introdução. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 7-14.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de antropologia*, n. 47, v.1, p. 9-43, 2004.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça. In: *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 45-66.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A modernidade negra. In: *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 67-89.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos CEBRAP*, v. XX, n. 61, p. 147-162, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O estudo das raças e sua formação histórica. In: *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 21-44.

HAGER, Christopher. *Word by Word: emancipation and the act of writing*. York; London, Alfred A. Knopf; Random House and Faber and Faber Ltd., 2013.

LACERDA, João Batista. *Sur les metis au Brésil*. Paris: Imprimerie Devougue, 1911.

NABUCO, Joaquim. Reformas Nacionais: O Abolicionismo; REBOUÇAS, André; PATROCÍNIO, José do. Manifesto da Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro. In: ALONSON, Angela. *Panfletos abolicionistas*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2014.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

REZENDE, Beatriz. Lima Barreto: vida e morte pela literatura. In: _____. *Lima Barreto: impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 31-42.

REZENDE, Beatriz. *Lima Barreto: impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As marcas do período. In: _____. *A abertura para o mundo (1889-1930)*. Coordenação Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 19-33. (História do Brasil Nação: 1808-2010).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Como ser do contra e a favor: impressões de leitura e muito mais. In: REZENDE, Beatriz. *Lima Barreto: impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 11-28.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 33, p. 137-153, 2019, DOI: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009>>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil república. In: BARRETO, Lima. *Contos completos*. Organização e Introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: _____. *A abertura para o mundo (1889-1930)*. Coordenação Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 35-83.